

A JAULA DA MODERNIDADE: leitura descolonial de *O mistério do coelho pensante*

THE CAGE OF MODERNITY: decolonial reading *Of the mystery of the thinking rabbit*

LA JAULA DE LA MODERNIDAD: lectura descolonial del *El misterio del conejo pensante*

Bianca Orelli¹

Edgar César Nolasco²

RESUMO: O presente artigo propõe um recorte do projeto de Iniciação Científica intitulado "O mistério do coelho pensante: um olhar comparatista entre duas versões" estimulado pela bolsa PIBIC/UFMS. Apoiamo-nos nos estudos de Edgar César Nolasco (2015) a respeito do *biolócus*, o qual origina uma reflexão crítica acerca do *bios* (vida), seja do "objeto" ou sujeito tratado, e *lócus* (lugar), isto é, de onde é proposto e originado. A formulação apresentada possibilita teorizar o conceito de exterioridade a partir de Walter Mignolo (2003), interpretando-a na literatura infantojuvenil de Clarice Lispector. Nosso estudo tem por objetivo apresentar uma leitura descolonial do livro *O mistério do coelho pensante* (1967), da autora elencada, trazendo uma teorização para este campo literário com intuito de comprovar o ato *desobediente* (Mignolo, 2008) do coelho como participante de uma exterioridade que se desprende da modernidade. Diante disso, será construído nesse trabalho, a articulação de uma jaula da modernidade, que é possível ser pensada durante a leitura da obra escolhida. Por fim, iremos nos guiar nas reflexões de Edgar César Nolasco em "Crítica biográfica fronteiraça (Brasil/Paraguai/Bolívia)" (2015), e "Habitar a exterioridade da fronteira-sul." (2018), Walter Mignolo em "Histórias locais/projetos globais" (2003) e Enrique Dussel, com os trabalhos "1492" (1993), "Eurocentrism and modernity" (1993), "Europa, modernidade e eurocentrismo" (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Descolonialidade; Clarice Lispector; Literatura Comparada; Exterioridade; Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT: This article proposes an excerpt from the Scientific Initiation project entitled "O mistério do coelho pensante: um olhar comparatista entre duas versões" stimulated by the PIBIC/UFMS scholarship. We draw on the studies of Edgar César Nolasco (2015) regarding *biolócus*, which gives rise to a critical reflection on *bios* (life), whether of the "object" or subject treated, and *lócus* (place), that is, where it is proposed and originated. The formulation presented makes it possible to theorize the concept of *exteriority* based on Walter Mignolo (2003), interpreting it in Clarice Lispector's children's and young adult literature. Our study aims to present a decolonial reading of the book

¹ Bianca Orelli, é Acadêmica de Letras – Português/Inglês da Faculdade UFMS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. E-mail: melo.orelli@ufms.br

² Professor Doutor Orientador Edgar César Nolasco da Faculdade UFMS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. E-mail: ecnolasco@uol.br

O mistério do coelho pensante (1967), by the aforementioned author, bringing a theorization to this literary field with the aim of proving the *disobedient* act (Mignolo, 2008) of the rabbit as a participant in an exteriority that detaches itself from modernity. In view of this, this work will construct the articulation of a cage of modernity, which can be thought of while reading the chosen work. Finally, we will be guided by the reflections of Edgar Cézar Nolasco in "Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)" (2015), and "Habitar a exterioridade da fronteira-sul." (2018), Walter Mignolo in "Histórias locais/projetos globais" (2003), and Enrique Dussel, with the works '1492' (1993), "Eurocentrism and modernity" (1993), and "Europa, modernidade e eurocentrismo" (2005).

KEYWORDS: Descoloniality; Clarice Lispector; Comparative Literature; Exteriority; Juvenile Literature.

RESUMEN: El presente artículo propone un resumen del proyecto de Iniciación Científica titulado "O mistério do coelho pensante: um olhar comparatista entre duas versões", impulsado por la beca PIBIC/UFMS. Nos basamos en los estudios de Edgar Cézar Nolasco (2015) sobre el *biólogo*, que da lugar a una reflexión crítica sobre el bios (vida), ya sea del "objeto" o del sujeto tratado, y el lócus (lugar), es decir, de dónde se propone y se origina. La formulación presentada permite teorizar el concepto de *exterioridad a partir de* Walter Mignolo (2003), interpretándolo en la literatura infantil y juvenil de Clarice Lispector. Nuestro estudio tiene como objetivo presentar una lectura descolonial del libro *O mistério do coelho pensante* (1967), de la autora mencionada, aportando una teorización a este campo literario con el fin de demostrar el *acto desobediente* (Mignolo, 2008) del conejo como participante de una exterioridad que se desprende de la modernidad. Ante esto, en este trabajo se construirá la articulación de una jaula de la modernidad, que es posible pensar durante la lectura de la obra elegida. Por último, nos guiaremos por las reflexiones de Edgar Cézar Nolasco en "Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)" (2015) y "Habitar a exterioridade da fronteira-sul." (2018), Walter Mignolo en "Histórias locais/projetos globais" (2003) y Enrique Dussel, con las obras "1492" (1993), "Eurocentrismo y modernidade" (1993) y "Europa, modernidade e eurocentrismo" (2005).

PALABRAS CLAVE: Descolonialidad; Clarice Lispector; Literatura Comparada; Exterioridad; Literatura infantil y juvenil.

NÃO É UM FAZ DE CONTA: o coelho somos nós

Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. (LISPECTOR, 1967, p. 12).



Figura 1 – Retrato do coelho pensante na página 9.
Fonte: *O mistério do coelho pensante* (1967).

O mistério do coelho pensante (1967), de Clarice Lispector, é sua obra de estreia na literatura infantojuvenil, que conta a história de um coelho pensante branquinho chamado “Joãozinho” n O livro foi escrito a “pedido-ordem” de seu filho mais novo, Paulo, e posteriormente publicado pela Rocco. Contextualizando a obra, Joãozinho é um coelho esperto que conseguia escapar da “casinhola” (LISPECTOR, 1967) de barras de ferro de uma forma desconhecida pelos seus donos. Mesmo que os humanos fizessem o esforço de assemelhar-se a sua natureza de pensar, não conseguiam o entender ainda. A autora escreve como acha ser a vida de um “coelhinho” que foge sempre que não há comida, diz sobre sua natureza de coelho e como é difícil imaginar que um animal pequeno como esse saiba pensar, assim como trouxe uma ilustração e um trecho da obra na epígrafe.

Neste artigo, busca-se realizar uma leitura descolonial desse livro, essa abordagem que se propõe a questionar e reinterpretar as construções de poder, identidade e cultura presentes na modernidade. A modernidade que fundamento nesta produção, é a que Dussel explica em seu trabalho “Europa, modernidade e eurocentrismo” (2005), ao construir dois conceitos sobre a modernidade, mas

me aterei somente a parte em que o autor diz: "A modernidade é uma emancipação, uma 'saída' da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano." (DUSSEL, 2005, p. 28). Ou seja, para a visão eurocêntrica, só é possível existir progresso na exterioridade se justificado pela aprovação da Europa Ocidental.

Fundamentado isso, conceituo que penso *a partir da fronteira-sul* (NOLASCO, 2018) a qual é um espaço da *exterioridade* (MIGNOLO, 2003) que nos situa na borda do país com divisa para lugares outros e outras exterioridades, a minha fronteira e minha exterioridade é em Campo Grande/MS, escrevendo *a partir da* na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Para a realização desse trabalho, os objetivos incluem identificar práticas epistêmicas que possam ser lidos *a partir de* Clarice e discutidos por uma *crítica biográfica fronteiriça* (NOLASCO, 2015) de como a historieta do coelho se assemelha aos habitantes da *exterioridade*, conceito que Boaventura pode auxiliar a delinear:

[...] as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia que constituem o outro conhecimento aceitável deste lado da linha. Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjectivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus 'outros' modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia. (BOAVENTURA, 2009, p. 25-26).

Os dois lados da linha apresentam uma correlação entre a interioridade e a exterioridade, sendo que um está sobreposto ao outro. A linha invisível que separa ambos os lados, transforma os pensamentos exteriorizados em inexistentes, e, até mesmo, impossíveis de serem concebidos por uma lógica que determina e diferencia o real e concreto do imaterial e incompreensível. Vale ressaltar que, embora não se trate de uma obra, e nem uma escritora, engajadas com a descolonialidade, há maneiras de encontrar princípios subjacentes que se conectem a esse contexto, *a partir da* teorização sensível aqui proposta. A

hipótese central deste estudo é comprovar que o coelho Joãozinho representa uma tentativa de desprendimento da emancipação e culpa proposta pela modernidade de Dussel. Pretende comprovar, também, que o animal privilegia suas *sensibilidades outras* para ser capaz deste ato. Este trabalho reside nas minhas sensibilidades que possibilitam uma interpretação do coelho pensante comparado a um *outro* pensante, pois leio *a partir do* animal, relacionando-o com quem sou e de onde venho, ou seja, meu *biolócus*, conceito de Edgar Cézar Nolasco que formula:

[...] trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) biolócus. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do bios (quer seja do “objeto” em estudo, quanto ao sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). (NOLASCO, 2015, p. 59).

Para pensar o texto infantojuvenil de tal forma, levo em conta meu *biolócus*, postulado num corpo determinado como feminino e situado na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no Brasil, para dialogar com o filósofo Enrique Dussel, mais precisamente no seu trabalho “Eurocentrism and modernity” (1993), conceitua uma infantilidade ou imaturidade – que por um motivo de tradução e coerência com minha pesquisa utilizarei a palavra “imaturidade” aqui – da América Latina, ao mesmo passo que julgam que o coelho não tem capacidade de pensar, assim como é estrito pensar pelo movimento universal da Europa:

Essa ideia de um “movimento” necessário da história do Oriente ao Ocidente, pode-se apreciar facilmente, a partir de eliminar a América Latina e a África do movimento da História Mundial, situando-os como a Ásia em um estado de “imaturidade” ou “ingênuo” (DUSSEL, 1993, p. 69, tradução nossa).³

³ This idea of a “necessary” movement of history from East to West, one can readily appreciate, must first have had to eliminate Latin America and Africa from the movement of World History, situating them like Asia in a state of “immaturity” or “childhood”

O Sul global⁴, como a era da infância do mundo, permite-me o comparar descolonialmente com a história do coelho pensante, que, como trouxe na epígrafe, e dado ao público-alvo, nenhum dos citados são permitidos pensar. Dessa forma, caminho para a discussão acompanhada dos teóricos citados para construir seguramente minha crítica à colonialidade, que hoje se disfarça em modernidade, que enjaula os *outros*, assim como os humanos fazem com o pequeno animal na história de “Era uma vez”. Posto por Dussel, “Como uma terra ingênua, então, a América Latina continua fora da História Mundial” (Dussel, 1993, p. 70, tradução nossa),⁵ e estar de fora da história mundial implica no pressuposto de que a propriedade de construir epistemologias, ciências, esforços valiosos – ou seja, significa estar dentro desta jaula com as capacidades reduzidas, assim como trouxe na imagem ilustrada da epígrafe, que desenha o coelho com um pequeno balão de pensamento sobre sua cabeça, preso em sua “caminhola”.

Tais esforços são somente erguidos pelo centro global, Europa e Estados Unidos, que estão no comando da *matriz colonial de poder*. Segundo Mignolo (2010), a matriz é uma estrutura que contempla os níveis entrelaçados de poder que controlam, entre várias outras camadas, a subjetividade e o conhecimento. Tudo o que é produzido do lado de cá da fronteira é roubado pela modernidade, e partir deste ponto, colocado como moderno, ou quando não lhes servem, é entendido como cultura, costume, ritual etc. Este mesmo poder exercido sobre nós é visto na história infantil, quando o coelho exclama: “– Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma idéia tão boa que até parece idéia de menino!” (LISPECTOR, 1967, p. 10). Ter ideia de menino, pela minha interpretação da história, é quando o próprio Sul é incapaz de reconhecer que consegue formular sua epistemologia, já que é descartado por

⁴ “O Sul é, neste caso, um conceito epistêmico não geográfico, uma metáfora dos conhecimentos nascidos na luta. A diversidade das lutas é uma fonte de abundantes saberes, de conhecimentos produzidos pelas classes e grupos sociais em sua resistência contra as injustiças estruturais e as múltiplas opressões causadas pela dominação moderna.” (Boaventura, 2009, p. 51).

⁵ As a land in childhood, then, Latin America remains outside World History.

uma imposição europeia de subjugamento, assim como Dussel explica: "Para Hegel, a criança representa apenas o 'potencial real' da razão. O 'immediatismo' da consciência da criança permite ser, somente, a periferia/borda (ou possibilidade de ser) do conhecimento, mas não seu centro. 'Apenas o adulto possui inteligência... e é o centro de tudo.' (Lectures, 16)." (DUSSEL, 1993, p. 70, tradução nossa).⁶

A Idade Moderna, com seus avanços na Europa e nos Estados Unidos, estabeleceu uma relação de poder com o Sul global. Nessa relação, o Norte global impõe seus conhecimentos ao Sul global, paralelamente a um irmão mais velho, porque, quando se é caçula, deve obedecer a todos sem questionamentos e de cabeça baixam – contextualizo essa ideia ao dizer que possuo a *sensibilidade* de ser a mais nova entre três filhas. Coloco em vigência a passagem teórica de Achebe, ao dizer que "a maioria dos problemas que vemos em nossa política derivam do momento em que perdemos nossa iniciativa nas mãos de outros, dos colonizadores." (Achebe *apud* Boaventura, 2009, p. 19), ou seja, como somos os mais novos desta conturbada família, continuamos presos a única história que conhecemos, com a dominação colonial coloreada nas relações de poder atuais, como o capitalismo e patriarcado.

E assim, como o coelho, há a opção de *desprender-se*, que, segundo Mignolo (2017), sugere um movimento com corpo que denuncia a universalidade de uma construção epistêmica centrada na *interioridade* da Europa. Segundo Mignolo (2017), desprender-se não conjectura que neguemos o passado ou façamos uma reversão com os opressores, pois julga que não obedecemos às opções impostas por essa modernidade, supõe que seja preciso re-subjetivar-se. Dessa forma, seria possível obter a realização que o pequeno animal simboliza com o corpo, *a partir da* fronteira e pensando na fronteira, que, sozinho, poderia postular seus próprios pensamentos e ideias: "Às vezes também Joãozinho fugia

⁶ For Hegel, the child represents only the "real potential" of reason. The "immediacy" of the child's consciousness allows it to be, therefore, only the periphery (or possibility) of experience but not its center. "Only the adult has intelligence... and is the center of everything" (Lectures, 16).

só para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava ele para passear. Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante.” (Lispector, 1967, p. 42). Fugir sem a necessidade de se emancipar, se civilizar e se curvar diante da modernidade é o desprendimento pressuposto pelo coelho pensante, pois não devemos ser presos a jaula que o *mito da modernidade* criou, como explicado por Dussel em sua tese intitulada 1492:

[...] ‘mito da Modernidade’: por um lado, se autodefine a própria cultura como superior, mais ‘desenvolvida’ [...] por outro lado, a outra cultura é determinada como inferior, rude, bárbara, sempre sujeito de uma ‘imaturidade’ culpável. De maneira que a dominação (guerra, violência) que é exercida sobre o Outro é, na realidade, emancipação, ‘utilidade’ ‘bem’ do bárbaro que se civiliza, que se desenvolve ou ‘moderniza’. (DUSSEL, 1993, p. 75).

Aqui, a *imaturidade culpável* dos sujeitos *outros* é a chave para as respostas da minha teorização nesta pesquisa, uma vez que lemos um texto para crianças e ser imaturo é sinônimo de infantil. O animal, como não é visto como maduro o suficiente para sequer classificar seus pensamentos – uma vez que a narradora diz que o coelho unicamente tem a natureza de “adivinhar” as coisas que lhe fazem bem (Lispector, 1967) – é aprisionado e tentado a cativar esta emancipação ilusória, que só seria plausível se amadurecesse aceitando uma adaptação que não lhe pertence e nem lhe é possível, a qual privilegia modos de ver o mundo cristalizados, sem as *sensibilidades* inscritas no animal.

Ou seja, o falso amadurecimento o levaria para uma emancipação ilusória porque, assim como a história infantil, a narrativa moderna é um conto de fadas criado e moldado pelos homens colonizadores, que impuseram a história local deles com tom universal. Assim como na citação de Dussel, a emancipação é exercida pela dominação, não é e nunca seria um ato de libertação justo e “maduro” como pregado pelos, então, modernizados e desenvolvidos. O modo de ver o mundo, sem as *sensibilidades*, implica nesta emancipação ilusória, que construiu somente a frente da *visão privilegiada* na epistemologia ocidental, como explica Mignolo:

Utilizo a expressão “sensibilidade de mundo” no lugar de “visão do mundo” porque o conceito de “visão” é privilegiado na epistemologia ocidental. Ao sê-lo, bloqueou os afetos e os campos sensoriais, um só

dos quais é a visão. Os corpos que pensaram as ideias de dependência/independência econômica eram corpos inscritos na e pelas línguas modernas/coloniais (espanhol, português, inglês). Por esta razão, necessitavam criar categorias de pensamento não encontradas no vocabulário da teoria política e da economia política europeias. Precisavam se desprender e pensar nas fronteiras que habitavam: não nas fronteiras do estado-nação, mas nas fronteiras do mundo moderno/colonial, fronteiras epistêmicas e ontológicas. (MIGNOLO, 2017, p. 20)

Sensibilidade de mundo é um conceito de Mignolo para explicar a única maneira viável de epistemologias fronteiriças serem reconhecidas uma vez que, para a *interioridade*, o único meio viável de aceitar os pensamentos *outros*, seria, ainda, os diferenciando e subalternizando, ou seja, os enjaulando. Dessa forma, a história do coelho pensante é a nossa, uma narrativa sobre crianças ingênuas perante o imensurável conhecimento do adulto dominante, que nos dita como devemos ser, pensar, agir e reproduzir. Mas, ao optar por desprender-se, *sensibilizar* nosso mundo, reconstruímos a narrativa, culpabilizamos os que se vitimizam, pois ao negar a inocência da modernidade, nos permite *des-cobrir* pela primeira vez sua face velada e constitutiva (Dussel, 1993).

Portanto, encaminhando o texto para sua conclusão, é preciso que as *sensibilidades de mundo* tomem espaço no ser descolonial, que coloque a frente suas formas *outras* de sentir o mundo e que, por opção, desprenda-se das jaulas da modernidade, que construiu o sentimento de culpabilização e contou sua própria história de “Era uma vez” para este lado da linha. Resta então, sem explicações prévias que façam sentido para eles, deste lado, escaparmos como um coelho pensante de sua “casinhola”. A emancipação desta modernidade não chegará como esperado pelo outro lado da linha, será feita rompendo com desobediência os postulados, des-cobrimo suas capacidades movimentando os seus corpos para o desprendimento.

Resta-nos teorizar *a partir da* fronteira, e a minha fronteira é na borda dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul que dividiram a passagem (diria até “ruptura”) da minha infância para adolescência e construção da minha formação. Perceber, na sala de aula das escolas particulares, após sair de um

ensino fundamental da escola estadual, as linhas invisíveis que destoavam a *interioridade* da *exterioridade*, fundamentaram minhas sensibilidades para chegar a opção de desprender-me da universalidade dos conhecimentos. Assim como eu, para arranjar uma saída, o coelho precisava fazer algo impraticável pelos humanos: utilizar de seu corpo, mais especificamente o nariz, para *sensibilizar* a ideia: “É que ele pensava essas algumas ideias com o nariz dele. O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem depressa o nariz.” (Lispector, 1967, p. 8).

FAREJANDO NOSSA FUGA

Por isso tudo é que ninguém nunca imaginou que ele pudesse ter algumas idéias. Veja bem: eu nem disse ‘muitas idéias’, só disse ‘algumas’. Pois olhe, nem de algumas achavam ele capaz. (LISPECTOR, 1967, p. 8).

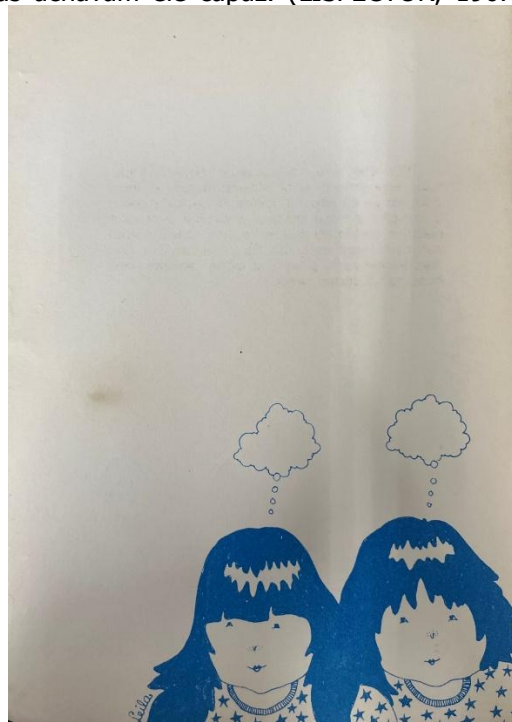


Figura 1 – Retrato do coelho pensante na página 9.
Fonte: *O mistério do coelho pensante* (1967)

Portanto, como articulado ao longo deste artigo, a leitura descolonial de *O Mistério do Coelho Pensante*, de Clarice Lispector, despontou camadas profundas de significados que vão além da narrativa infantil. A desmetáfora do coelho

pensante, que utiliza seu nariz para farejar ideias, nos remete à luta por uma emancipação epistêmica e à resistência frente às imposições da modernidade eurocêntrica. Assim como o coelho Joãozinho busca escapar da sua “casinhola” para explorar o mundo e afirmar sua capacidade de pensar, os sujeitos da exterioridade enfrentam desafios semelhantes ao tentarem romper com as jaulas epistemológicas impostas pela matriz colonial de poder. Ao tentar romper com a emancipação culpável, acontece o que Dussel situa:

Ao negar a inocência da “Modernidade” e ao afirmar a Alteridade do “Outro”, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra face” oculta e essencial à “Modernidade”: o mundo periférico colonial: o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (DUSSEL, 1993, p. 186).

A face oculta da modernidade é a parte depreciada do mundo, ou seja, o Sul-global. Aqui, quem está “solto”, fora da jaula, é quem realmente é o culpado e responsável pelas digressões do mundo, enquanto a exterioridade presa é criminalizada em sua inocência, e não cede a emancipação ilusória da modernidade. Este passo, de curvar-se à emancipação, fortalece o pensamento de que a única maneira possível de sentir o mundo é bloqueando o contato físico e sensível, aceitando somente a visão do mundo da epistemologia ocidental. Por isso, o desprendimento leva à sensibilização da alteridade dos *outros*, como meio de fugir das jaulas impostas pela modernidade, assim como o coelho pensante foge da “casinhola”.

Conseguimos interpretar as construções de poder, focadas na subjetividade e conhecimento da exterioridade, ao passo em que, como muitas vezes reforçado durante a leitura do livro infantojuvenil e como exposto na epígrafe, o Joãozinho era podado pelos donos e criadores da jaula. A identidade do coelho foi posta junto àqueles que habitam a exterioridade, classificadas como ingênuos e merecedores do aprisionamento e punição. Nota-se também, o desprendimento da imaturidade imposta pelas falácias da modernidade, que ao tentar impor a emancipação na exterioridade, com sua “benção”, falha ao passo

que negamos e invertemos o papel desta culpabilização das vítimas da periferia global.

Reconhece-se também, repetição incessante e fadigada de recontar a história do processo colonizador, que deixou marcas nas epistemologias, crenças, políticas, poderes, economias etc. A colonialidade é re-interpretada na modernidade, aprisionando e determinando onde fica a exterioridade e como se devesse a eles, a interioridade, a submissividade por vigilar o Sul como subumanos. A vida e obra da autora, mesmo não sendo engajadas com a descolonialidade, oferece uma rica base para refletir sobre as dinâmicas de poder que marginalizam epistemologias e sensibilidades *outras*. A partir do conceito de *sensibilidades de mundo*, proposto por Mignolo, é possível sensibilizar no ato do coelho de farejar ideias uma metáfora para a criação de novas formas de conhecimento que rompem com os paradigmas hegemônicos. Essa sensibilidade nos convida a pensar com o corpo e *a partir das* fronteiras, desafiando as narrativas dominantes que subjagam e invisibilizam os saberes outros.

Dessa forma, as jaulas da modernidade restringem os *outros* a viver uma universalidade dos pensamentos, saberes, fazeres, sensibilidade etc. Restando para o desprendimento a opção de viver por uma *pluriversalidade*, como formula Mignolo em seu livro *Desobediência epistêmica* (2010): “[...] a pluriversalidade de cada história local e seu relato da descolonização podem *se conectar através desta experiência em comum e a utilizar como a base* para uma nova lógica comum de ‘conhecer’: o pensamento fronteiriço” (MIGNOLO, 2010, p. 122, tradução nossa)⁷ dos conhecimentos, não rechaçando o que já foi imposto, (até porque não há como negar ou reverter o que aconteceu) mas horizontalizar as epistemologias que ficaram de fora do plano moderno/colonial e coexistir em determinada proporção com todas.

⁷ [...] la pluriversalidad de cada historia local y su relato de la descolonización se pueden conectar través de esta experiencia común y utilizarla como la base para una nueva lógica común del “conocer”: el pensamiento fronterizo.

Ao final, o coelho pensante nos *sensibiliza* através de sua “rota de fuga” das jaulas da modernidade que não é somente um movimento físico, mas também um ato simbólico de desprendimento e re-subjetivação. É um chamado para habitarmos as fronteiras epistêmicas e ontológicas, criando espaços onde nossas formas *outras* de sentir e pensar o mundo possam ser notabilizadas. Assim como Joãozinho fareja sua fuga, nós também podemos sensibilizar novos caminhos para repensar nossas histórias e reivindicar nossa capacidade de criar epistemologias fora das estruturas coloniais. Afinal, como a história nos lembra, mesmo aqueles que são subestimados têm o poder de transformar suas ideias em resistência.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique D. **1492** [mil quatrocentos noventa e dois]: o encobrimento do outro; a origem do Mito da modernidade; conferências de Frankfurt. Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Eurocentrism and modernity** (Introduction to the Frankfurt Lectures). *boundary 2* 20.3 (1993): 65-76.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires (2005).

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do coelho pensante**. Rio de Janeiro: Rocco, 1967.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. In: **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, 2017.

MIGNOLO, Walter D. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA. In: **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.0-90, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade saberes subalternos e pensamento liminar. Ed. UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Crítica Biográfica Fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**: Brasil\Paraguai\Bolívia. v. 7. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2015.

NOLASCO, Edgar César. HABITAR A EXTERIORIDADE da fronteira-sul. In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**. v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. Autêntica, 2022.